

## **DIRETRIZES PARA A FORMAÇÃO TEOLÓGICA:** Possibilidades para uma instituição no modelo Pentecostal

Eduardo Leandro Alves\*

### **RESUMO**

O objetivo deste artigo visa abordar algumas perspectivas pedagógicas na formação teológica a partir de instituições vinculadas a igrejas evangélicas no Brasil, especialmente a perspectiva Pentecostal. O movimento Pentecostal iniciou sua proposta de formação teológica formal, via Seminários Teológicos, cerca de 50 anos depois da fundação das primeiras igrejas, com a chegada dos Missionários Americanos após a Segunda Guerra Mundial, sendo os mais conhecidos o Instituto Bíblico Pentecostal (IBP), fundado por Lourenço Olson, no Rio de Janeiro e o Instituto Bíblico das Assembleias de Deus em Pindamonhangaba (IBAD), fundado por João Kolenda. No entanto, sempre houve o costume de realização de Escolas Bíblicas de Obreiros (algumas em Belém do Pará tinham a duração de 30 dias consecutivos), onde líderes vindos de diversas partes do Brasil eram instruídos sobre as bases da fé e do exercício Pastoral. Após o centenário da AD no Brasil em 2011, a AD na Paraíba caminha para o seu centenário em 2018. É um momento de transição, mas também uma transição de momento, onde um mundo novo demanda novas respostas. Busca-se compreender o contexto atual da sociedade e a relevância dos métodos utilizados pelas instituições de formação teológica confessional, propondo novas diretrizes. Percorre-se esse caminho utilizando-se como método a pesquisa comparativa com a histórica, a fim de identificar as semelhanças e as diferenças entre os casos em questão. Como resultado propôs-se a criação do Centro de Estudos Teológicos da AD na Paraíba, com vistas a manter um processo reflexivo e trabalhar na capacitação/formação de sua membresia e liderança, assim como a realização de eventos teológicos e a produção de livros-textos para a formação de sua liderança.

**Palavras-chave:** Teologia. Formação. Currículo. Igreja

### **ABSTRACT**

This paper aims at approaching some pedagogical perspectives to theological training in institutions linked to Evangelical churches in Brazil, specially from the Pentecostal perspective. The Pentecostal movement started its proposal for formal theological training, through theological seminaries, about 50 years after the establishment of the first churches, with the arrival of the American missionaries after World War II, the most known of them being the Pentecostal Biblical Institute, founded by Lourenço Olson in Rio de Janeiro, and the Assemblies of God Biblical Institute in Pindamonhangaba, founded by João Kolenda. However, there has always been the custom of doing Workers' Bible Schools — some of them in Belém do Pará had a length of 30 consecutive days — in which leaders from various parts of Brazil were instructed on the bases of faith and the pastoral practice. After the centenary of the Assemblies of God in Brazil in 2011, the AD in Paraíba heads for its centenary in 2018. It is a transition moment, but also a transition of moment, in which a new world demands new answers. This paper seeks to understand the current society context and the relevance of the methods used by confessional theological training institutions, proposing new guidelines. Such research is done using both comparative and historic research methods, so as to identify the similarities and differences between cases in point. As results, the creation of the Center for Theological Studies of AD in Paraíba was proposed, in order to maintain a reflexive process and to work in the training and formation of its members and leaders, as well as the realization of theological events and the production of textbooks for the training of the leaders.

**Key words:** Theology. Training. Curriculum. Church.

---

\* Mestre em Teologia e Doutorando em Teologia Prática (Bolsista CAPES) pela Escola Superior de Teologia – Faculdades EST (São Leopoldo, RS). Pós-graduado em Gestão Educacional pela Universidade Gama Filho (UGF) e Graduado em Teologia pela FTSA. Teólogo e professor na área de Ética, Religiosidade Popular e Teologia do AT e NT. Diretor do Centro Educacional da AD na Paraíba. Secretário executivo da SEMAD-PB. E-mail: eduleandroalves@hotmail.com

## Introdução

Esse texto surge a partir da necessidade do trabalho que se está desenvolvendo na Igreja Assembleia de Deus na Paraíba, a partir da sua sede na cidade de João Pessoa. Como Diretor da Associação Educacional da Igreja, surge a necessidade de pensar sobre modelos de formação teológica. Nessa jornada, assim como na produção desse artigo, margeamos a caminhada nas propostas iniciais do professor Lourenço Stelio Rega.<sup>1</sup>

Após o centenário da AD no Brasil em 2011, a AD na Paraíba caminha para o seu centenário em 2018. É um momento de transição, mas também uma transição de momento.

A título de esclarecimento, na origem dos evangélicos no Brasil há duas vertentes principais, a partir dessas vertentes surgem as suas respectivas subdivisões. A saber: 1) Protestantismo imigracional ou de imigração (luteranos na região Sul são os mais conhecidos): o evangelho para uma etnia específica; 2) Protestantismo conversionista (congregacionais, batistas, presbiterianos, metodistas): ênfase na questão da salvação, teologia centralizada na doutrina da salvação (soteriológica). Ênfase na formação de obreiros para pregar o evangelho conquistando almas. Dentro desta vertente surge a Assembleia de Deus, maior igreja Pentecostal no Brasil, cujos fundadores (Daniel Berg e Gunnar Vingren) possuem origens no movimento Batista americano.

## 1. Antecedentes históricos

Segundo o professor Rega,<sup>2</sup> dentro destas perspectivas iniciais na formação do protestantismo brasileiro ocorreram algumas definições educacionais, que mesmo que não estivessem necessariamente escritas, foram sentidas na prática. Por exemplo: a) Descompasso entre a formação do obreiro e a sua práxis; b) A educação como sistema de indução e manutenção de hegemonia; c) A educação como ação adestradora dos espíritos; d) A educação como "aparelho ideológico" ou como instrumento de dominação ideológica.<sup>3</sup> Pode-se citar bibliotecas de seminários no qual nos livros há uma etiqueta indicando que o pensamento do autor, necessariamente, não é defendido pelo seminário.

<sup>1</sup> REGA, Lourenço Stelio. Revendo os paradigmas para a formação teológica e ministerial. **Revista Teológica**, [S.l.], n. 4, jun. 2016. ISSN 1676-2509. Disponível em: <<http://www.teologica.net/revista/index.php/teologicaonline/article/view/113>>. Acesso em: 04 set. 2017.

Dr. Lourenço Stelio Rega foi um dos autores do documento "Diretrizes curriculares para os cursos de Teologia", produzido pelo Ministério da Educação (MEC) no ano de 2010. Confira o texto em: 2000[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=6951&Itemid](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=6951&Itemid).

<sup>2</sup> REGA, 2016, p.12.

<sup>3</sup> ALTHUSSER Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*, Rio de Janeiro: Graal, 1985.

Diferentemente do Protestantismo de imigração ou de missão que iniciou o seu trabalho missionário investindo na criação de escolas e no estabelecimento da educação formal para a ordenação pastoral, o Pentecostalismo não teve essa mesma preocupação. Apenas em meados do século XX, esse movimento começou a se preocupar com o estabelecimento de escolas, e a formação dos seus líderes.

O estabelecimento da educação teológica formal (por meio de institutos bíblicos) na Assembleia de Deus no Brasil, assim como na Paraíba,<sup>4</sup> não se deu no início da sua expansão, repetindo-se o que acontecera durante a evolução do Pentecostalismo nos Estados Unidos. A evangelização das massas e a experiência com o Espírito Santo eram vistos como algo que estava acima de qualquer necessidade humana.<sup>5</sup> A partir de uma dificuldade Hermenêutica, em uma expressão paulina, difundiu-se a ideia que “a letra mata, mas o Espírito vivifica”.<sup>6</sup>

Outro fator preponderante foi à rejeição dos suecos à ênfase no aprendizado formal que reforçava o status de missionários frente aos adeptos nacionais. Os missionários suecos, por serem culturalmente marginalizados, resistiam à institucionalização.<sup>7</sup> Os missionários estavam formando uma comunidade de gente socialmente excluída (seja na Suécia luterana ou no Brasil católico) que não precisava de um clero diferente.<sup>8</sup> Além do fato que haviam passados apenas 23 anos da assinatura da Lei Áurea. Nessa comunidade Pentecostal o negro torna-se livre, independente de suas origens. Por exemplo, na própria liderança da AD na Paraíba, em 99 anos, todos os seus presidentes ou foram negros, ou pardos (com exceção dos missionários suecos Simon e Agne Sjogren que, juntamente com sua esposa passaram 10 meses na capital do estado em 1922).

Dessas acepções, pode-se ressaltar que forçosamente a vida dos missionários foi marcada pela simplicidade, um exemplo que ajudou a primeira geração de líderes brasileiros a ligar pouco para a ascensão econômica e educacional. A cosmovisão assembleiana carrega as marcas dessa dupla origem da experiência sueca das primeiras décadas do século XX: de

---

<sup>4</sup> Pelo contrário a Paraíba começa a se abrir para a formação Teológica a partir do final da última década do Século XX com aberturas de Núcleos da EETAD.

<sup>5</sup> FERNANDES, Rubeneide Oliveira Lima. *Movimento Pentecostal, Assembleia de Deus e o Estabelecimento da Educação Formal*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), 2007.

<sup>6</sup> 2 Coríntios 3.6.

<sup>7</sup> No período do surgimento do Pentecostalismo a Suécia era majoritariamente Protestante de origem Luterana. Toda sua liderança da igreja Luterana passava por um longo processo de formação. As igrejas Pentecostais viviam à margem da sociedade Protestante sueca. Nesse caso específico, a Igreja Filadélfia pastoreada por Lewi Petrus, rejeitava o modelo formal de educação utilizado pela Igreja Luterana.

<sup>8</sup> FRESTON, Paul. *Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*, São Paulo: UNICAMP, 1993.

marginalização cultural, e da sociedade patriarcal e pré-industrial do Norte/Nordeste dos anos 30 e 60.

Foi o missionário sueco Gustav Bergström, naturalizado americano que, na Convenção Geral de 1937, pediu a criação de uma escola bíblica anual, com duração de pelo menos dois meses, para todos os obreiros e aspirantes ao ministério. Uma delas só aconteceu oito anos mais tarde, em Belém do Pará, com 101 alunos. Essas escolas foram os primeiros seminários teológicos pentecostais informais com cursos de curta duração.

Em uma reunião realizada na Assembleia de Deus em São Cristóvão, no Rio de Janeiro, em maio de 1943, com a presença de 93 obreiros, ficou sob a responsabilidade do Pr. John Peter Kolenda apresentar o assunto da Educação Teológica. Kolenda iniciou o assunto com a seguinte pergunta: “Que mais poderemos fazer para contribuir para a idoneidade dos nossos obreiros”? Após a exposição de Kolenda, Paulo Leiva Macalão, pastor da Assembleia de Deus em Madureira, sugere a criação de escolas bíblicas noturnas para obreiros, nas noites em que os mesmos não tivessem cultos. O missionário Lawrence Olson propôs a abertura de institutos bíblicos, escolas teológicas e seminários pelo país. Macalão, em seguida, afirmou que seria perigoso investir na educação teológica do obreiro. Segundo ele, a muita sabedoria, o muito estudo e o intelectualismo poderiam esfriar espiritualmente a alma. Nesta convenção decidiu-se criar cursos bíblicos por correspondências como uma espécie de fascículos no jornal oficial da Igreja, Mensageiro da Paz.<sup>9</sup>

Cinco anos depois, na Convenção Geral de 1948, realizada em Natal, RN, o assunto voltou ao plenário, onde o Missionário Kolenda insistiu na necessidade da formação teológica dos obreiros e encontrou várias objeções. Para Francisco Pereira, “um instituto bíblico é uma fábrica de pregadores, sendo que, segundo Efésios 4.11, o ministério é dado pelo Senhor”. O pastor Eugênio Pires argumentou: “Temos uma escola, a de Jesus, que não pode nem deve ser orientada por determinada pessoa”. O missionário sueco Gustavo Nordlund aproveitou a ocasião para afirmar que não sentia falta de um seminário por causa do “colégio de Jesus”, onde começou e ainda permanecia.<sup>10</sup>

Passados 18 anos, na Convenção Geral de 1966, realizada em Santo André, SP, o assunto da formação teológica voltou a ocupar os convencionais. Pastor João Kolenda Lemos dissertou sobre “a significação, valor e atividade dos institutos bíblicos”. Em favor dessa opinião levantam-se Pr. Alfredo Reikdal e o Pr. Alcebíades Pereira de Vasconcelos. No entanto,

---

<sup>9</sup> DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p. 194.

<sup>10</sup> DANIEL, 2004. pp. 252,253.

Pastor João Pereira de Andrade e Silva declarou que “o melhor educandário é o colégio do Espírito Santo”. O pastor Anselmo Silvestre, Presidente da AD de Belo Horizonte, reafirmou que em um seminário os candidatos correm o risco de ficarem com a cabeça cheia e o coração vazio. O último a falar foi o pastor Antônio Petronilo dos Santos:<sup>11</sup> “Os institutos bíblicos desejam realizar um trabalho psicológico nas Assembleias de Deus no Brasil”. Petronilo afirmou ainda que eles são desnecessários, pois, “nestes 55 anos, as Assembleias de Deus no Brasil cresceram imensamente sem o concurso dos institutos bíblicos”.<sup>12</sup>

A partir de 1983, recomendava-se oficialmente que os candidatos ao “santo ministério”, entre outros requisitos, fossem “qualificados teologicamente para o manejo da Palavra”. A essa altura, o pastor Walter Brunelli, então diretor do Instituto Bíblico de Santos, já havia advertido à Convenção de 1981: “Sofremos hoje problemas de infraestrutura, por não ter havido no passado uma preocupação com a educação teológica. A ênfase demasiada na obra do Espírito Santo talvez tenha originado o conceito de que era desnecessária qualquer preocupação nesse sentido. Creio que caímos num tipo de pietismo que levou as pessoas a dizerem coisas exageradas e a quererem que o Espírito Santo as endossassem. Deveria haver um equilíbrio, e só mesmo um conhecimento mais apropriado da Palavra de Deus pode levar os obreiros a esse estado de equilíbrio.”<sup>13</sup>

Esses relatos históricos demonstram que o tema educação era discutido em âmbito da Assembleia de Deus a partir dos meados do século XX, no entanto, o investimento na educação formal só tornou-se algo concreto nas três duas últimas décadas.<sup>14</sup>

Em 2011 o Movimento Pentecostal completou 100 anos de fundação da primeira Igreja no Brasil, a Assembleia de Deus fundada em Belém do Pará no dia 18 de junho de 1911 por Gunnar Vingren e Daniel Berg. As comemorações do Centenário de fundação nos estados seguem: em 2014 foi o estado do Ceará, em 2015 o estado de Alagoas e em 2018 os estados do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco.

Embora o movimento Pentecostal tenha iniciado sua proposta de formação teológica formal, via Seminários Teológicos, cerca de 50 anos depois da fundação das primeiras igrejas, com a chegada dos Missionários Americanos após a Segunda Guerra Mundial, sendo os mais conhecidos o Instituto Bíblico Pentecostal (IBP), fundado por Lawrence Olson em 1961, no

---

<sup>11</sup> Presidiu a AD na Paraíba por 22 anos.

<sup>12</sup> DANIEL, 2004. pp. 380,381,382.

<sup>13</sup> DANIEL, 2004, p., 480.

<sup>14</sup> Após o término da Segunda Guerra Mundial chegou a terras brasileiras diversos Missionários Americanos que possuíam uma visão distinta dos suecos em relação a educação formal, produzindo, então, novas percepções educacionais na liderança da Igreja.

Rio de Janeiro, o Instituto Bíblico das Assembleias de Deus em Pindamonhangaba (IBAD), fundado por João Kolenda em 1958 e a Escola de Educação Teológica da Assembleia de Deus (EETAD), fundada por Bernhard Johnson em 1979, com sede em Campinas, São Paulo. Sempre houve o costume de realização de Escolas Bíblicas de Obreiros (algumas em Belém do Para durava 30 dias consecutivos), onde obreiros vindos de diversas partes eram instruídos sobre as bases da fé e dos exercício Pastoral.

Professor Rega, no já citado artigo, refere-se a um contexto de formação educacional de igrejas históricas. No entanto, embora em um contexto Pentecostal a formação acadêmica não fosse algo primordial, os conceitos abordados pelo autor, em linhas gerais, acabam por serem semelhantes. Sobre tudo pelo fato de que após 1990 houve uma proliferação de instituições de “ensino teológico” sem fazerem uma mínima reflexão em relação ao modelo, ao contexto denominacional e sobre o tempo em que se vive, apenas repetiram, ou repetem sem nenhum processo reflexivo, algum modelo pré-existente.

É necessário a compreensão que um mundo novo demanda novas respostas. Por exemplo: os dilemas éticos da atualidade com pesquisas de células tronco, identidade de gênero, neo-ateísmo, pluralismo religioso, relativismo moral, novas formas de comunicação, etc. Esse é o desafio: Compreender e não negar o passado, trabalhar o presente e projetar o futuro. Esse texto faz parte desse esforço.

## **2. Em busca de uma definição filosófica educacional para a educação teológica**

Há uma tendência a acreditar que se pode pensar que o ensino teológico envolve apenas o papel do professor repassando a lição em sala de aula, um quadro branco e o aluno. Contudo, a verdade é que existe uma série de fatores que influenciam diretamente todo processo de aprendizado na prática educativa. Nesse caso, todos estes fatores determinarão a visão que devemos ter de Deus, do mundo, do homem, da sociedade, etc.

A questão está relacionada ao fato de que, infelizmente, diversos círculos religiosos tratam sobre educação, mas nem sempre trata-se deste assunto à luz da ciência da educação. Seria aceitável que um médico fosse realizar uma cirurgia e deixasse de lado toda técnica e conhecimento científico sobre Medicina, ou um engenheiro fosse construir um avião e deixasse de lado todo o conhecimento adquirido desde Santos Dumont, ou se uma indústria de eletroeletrônicos fosse produzir um telefone hoje com a mesma tecnologia de cento e cinquenta anos atrás!

Partindo dessa premissa, antes de se elaborar a Matriz Curricular para um Seminário Teológico é preciso que haja a definição de uma declaração de valores e objetivos educacionais que será o norte de todo sistema educacional. Mas mesmo antes de se estabelecer quais os objetivos educacionais que se deseja atingir é preciso decidir sobre qual modelo educacional será adotado.

Professor Rega<sup>15</sup>, define 7 modelos principais para um projeto educacional em um Seminário, mas ao final é indicado um oitavo que vem a ser a opção sugerida como um novo paradigma. Vejamos:

1. **Modelo humanista.** Neste caso a ênfase é na formação da pessoa, de seu caráter. A preocupação não será tanto com matérias teóricas ou doutrinárias. O currículo se concentrará em matérias como ética cristã, santificação, etc. É o modelo do **SER**.
2. **Modelo situacionista.** A preocupação neste modelo é o atendimento às necessidades, tendências e demandas atuais do mundo, do programa da igreja ou da denominação. Neste caso é traçado um perfil para o estudante baseado nestas tendências. Que perfil de obreiro queremos? Então, baseado nessas tendências e demandas, traça-se um perfil do aluno que se espera alcançar no cumprimento da carga curricular.
3. **Modelo pragmático.** A ênfase neste modelo é treinar os alunos na operacionalização de tarefas no cumprimento de um programa de atividades. Neste caso, mais do que **saber** um conteúdo, o aluno deve aprender a **fazer** coisas (pregar, visitar, aconselhar, discipular, etc.). É o modelo do **FAZER**.
4. **Modelo academicista.** O importante neste modelo é a formação acadêmica do aluno. Há ênfase no conhecimento e espera-se que o professor ensine o aluno a pensar. O currículo se concentra em matérias teóricas e doutrinárias. É o modelo do **PENSAR**.
5. **Modelo especialista.** A preocupação aqui está em treinar o aluno num ministério ou saber específico, sem se deter em qualquer outro caráter da sua formação. É um modelo válido à medida que se almeja prover capacitação técnica e acadêmica aos alunos, à partir de uma formação genérica já existente.
6. **Modelo social-comunitário.** Aqui a preocupação não é tanto com o ensino, mas com o desenvolvimento da interação de cada aluno com o grupo a que pertence. As atividades educacionais valorizam sobremaneira a vivência em grupo. Em geral são utilizadas técnicas de dinâmica de grupo como recursos didáticos do professor. É o modelo do **CONVIVER**.

---

<sup>15</sup> REGA, 2016, pp., 13,14.

7. **Modelo afetivo.** O importante neste modelo é a formação afetivo/emocional do aluno. A preocupação é com os seus sentimentos e com a adaptação do contexto à realidade afetiva do aluno. É o modelo do **SENTIR**.

8. Pode-se observar que cada modelo converge para uma ênfase educacional que enfoca um lado da formação teológica. Tomado separadamente, cada modelo valoriza apenas um aspecto do indivíduo. Logo, a proposta é criar um modelo envolvente em torno de cada ênfase unindo-as num **MODELO INTEGRAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ**. Ou seja, a proposta é criar um envoltório em cada ênfase e interligá-las almejando a formação integral do aluno – **SABER / REFLETIR, CONVIVER, FAZER, SER e SENTIR**. O diagrama<sup>16</sup> a seguir ilustra esse modelo:



A proposta é que no modelo integral de educação cristã, em vez de enfatizar apenas um aspecto do indivíduo, enfoca-se integralmente a formação de vidas maduras do ponto de vista intelectual, social, operacional ou pragmático, pessoal (ontológico) e afetivo. Sendo assim, segundo essa abordagem é preciso analisar todo projeto educacional da instituição, seja o estabelecimento dos objetivos educacionais, seja o planejamento da Matriz Curricular, do conteúdo programático, do conteúdo das aulas, enfim, a didática adotada pelo professor, a visão do aluno, etc.

Entende-se que para se conseguir atingir profundos e permanentes objetivos com a educação teológica e ministerial, é necessário preciso compreender (ou rever) todo processo educacional que se tem desenvolvido e estar disposto a assumir o custo, seja financeiro, operacional, material, em mão de obra ou temporal.

<sup>16</sup> REGA, 2000, p. 5.

### 3. Pensando sobre o centro da educação teológica e ministerial

Qual seria a preocupação central quando busca-se modelar o projeto educacional? O que deve ser o referencial que norteará o sistema educacional que se pretende construir (Objetivos educacionais, currículo, espaço físico, estratégias didáticas, relacionamento professor/aluno, etc.). Na sequência apresenta-se as tendências<sup>17</sup> em destaques e suas propostas:

a. Visão tradicional: ensino centrado no conteúdo/professor

Os conteúdos, os procedimentos didáticos, a relação professor-aluno não têm nenhuma relação com o cotidiano do aluno e muito menos com as realidades sociais. É a predominância da palavra do professor, das regras impostas, do cultivo exclusivamente intelectual.

b. Visão skinneriana: ensino centrado no processo, no estímulo-reposta (E-R)

Para Skinner interessa apenas o comportamento observável, não se preocupando com os processos intermediários entre o estímulo (E) e a resposta (R). A recompensa ou reforço positivo, após a realização de uma tarefa desencadeia outro estímulo, provocando uma cadeia de estímulos e respostas. "De acordo com a teoria do reforço as recompensas e punições desempenham um papel importante na vida diária. As pessoas tendem a se comportar do modo a obter recompensas e a evitar punições".<sup>18</sup>

Na teoria de Skinner, um reforçador positivo, tende a aumentar a frequência da resposta e um desempenho maior, e um reforço negativo tende a diminuir ou evitar tal resposta. Numa situação de sala de aula, temos a tendência de reforçar positivamente o aluno que vai bem e, ele por sua vez, se esforçará mais para continuar com o conceito que tem. Ao passo que o aluno que apresenta dificuldades, tende a receber reforços negativos, tanto por parte do professor, que não liga muito para ele, como por parte dos colegas.

c. Visão rogeriana: ensino centrado no aluno

Acentua-se nesta tendência o papel da escola na formação de atitudes, razão pela qual deve estar mais preocupada com problemas psicológicos do que com os pedagógicos ou sociais. Todo esforço está em estabelecer um clima favorável a uma mudança dentro do indivíduo, isto é, a uma adequação pessoal às solicitações do ambiente. Rogers<sup>19</sup> considera que o ensino é uma atividade excessivamente valorizada; para ele os procedimentos didáticos, a competência na matéria, as aulas, livros, tudo tem muito pouca importância, face ao propósito de favorecer à

---

<sup>17</sup> Rega, 2016, p. 28.

<sup>18</sup> MOREIRA Marco Antonio, *Teorias de Aprendizagem* (1999). Editora Pedagógica e Universitária (E.P.U.), São Paulo, Brasil. 1999, p. 51

<sup>19</sup> ROGERS, Carl. *Liberdade para aprender*. Belo Horizonte: Interlivros, 1973.

pessoa um clima de auto-desenvolvimento e realização pessoal, o que implica estar bem consigo próprio e com seus semelhantes.

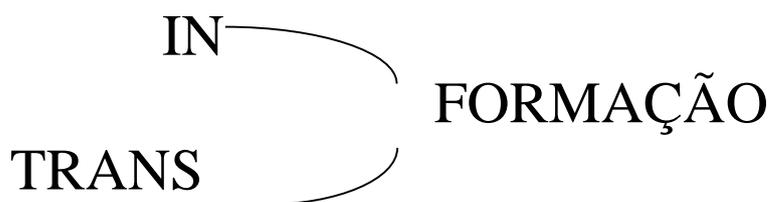
O esforço do professor é desenvolver um estilo próprio para facilitar a aprendizagem dos alunos. Rogers explicita algumas das características do professor "facilitador": aceitação da pessoa do aluno, capacidade de ser confiável, receptivo e ter plena convicção na capacidade de autodesenvolvimento do estudante. Sua função restringe-se a ajudar o aluno a se organizar, utilizando técnicas de sensibilização onde os sentimentos de cada um possam ser expostos, sem ameaças. Assim, o objetivo do trabalho escolar se esgota nos processos de melhor relacionamento interpessoal, como condição para o crescimento pessoal.

d. Visão freireana: ensino centrado na operacionalidade política do aluno<sup>20</sup>

A própria designação de "educação problematizadora" como correlata de educação libertadora revela a força motivadora da aprendizagem. A motivação se dá a partir da codificação de uma situação-problema, da qual se toma distância para analisá-la criticamente. Esta análise envolve o exercício da abstração, através da qual procura-se alcançar, por meio de representações da realidade concreta, a razão de ser dos fatos.

Aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é da situação real vivida pelo educando, e só tem sentido se resulta de uma aproximação crítica dessa realidade. O que é aprendido não decorre de uma imposição ou memorização, mas do nível crítico de conhecimento, ao qual se chega pelo processo de compreensão, reflexão e crítica. O que o educando transfere, em termos de conhecimento, é o que foi incorporado como resposta às situações de opressão - ou seja, seu engajamento na militância política.

e. Visão cristã: ensino centrado em Deus e sua vontade como currículo e conteúdo da vida do professor e aluno; ênfase na autenticidade da vida do aluno e do professor; a vida do professor como modelo para a do aluno; ênfase no aluno como discípulo e no professor como mestre ou discipulador; ênfase na integração teoria/prática; ênfase na operacionalidade do aluno como instrumento do Reino de Deus na sua vivência; etc. Neste sentido, busca-se não apenas a informação, mas a formação e a transformação da pessoa:



<sup>20</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

#### 4. Filosofia fragmentada de ensino – dissociação entre a teoria e a prática?

Percebe-se que outra discussão dentro dos pressupostos do trabalho educacional está na dicotomia entre o ensino teórico ou abstrato e o ensino baseado no treinamento prático ou operacional. Nesta última ênfase tem-se como pressuposto que as pessoas devem ser preparadas para a vida prática, para serem úteis a sociedade, criando um sistema instrumental de educação em que enfatiza o cidadão útil e domesticado. Enquanto que a primeira ênfase defende que qualquer prática precisa de teoria. O sujeito é também um ser pensante. Por trás destas duas tensões dialéticas há a discussão em que se aborda a questão de desenvolvermos um sistema de ensino (reprodutivista, utilitário e instrumental – hoje conhecida como educação profissional), ou um sistema de pesquisa (desenvolvimento de descobertas, reflexão, etc.). A verdade é que em vez de se pensar que essas duas ênfases estão numa posição dicotômica, pode-se imaginá-las como necessárias para uma formação integrada da pessoa. Então, elas não estão em oposição, mas devem ser integradas, interligadas. Afinal, toda prática é produto de uma hipótese teórica. Pois, mesmo que não se queira admitir, somos influenciados por alguma ou algumas ideologias (de fundo abstrato) presentes na cultura em que vivemos. Por outro lado, somente a teoria nos levaria a uma contemplação inócua.

Quem decide o rumo a ser seguido em relação aos conteúdos ou objetivos? Este é outro item que precisa ser discutido, pois diz respeito à construção de todo processo educacional (currículo, plano de curso, plano de aula, conteúdo, carga horária, avaliação, etc.). Em termos gerais a educação pode ser orientada ou direcionada por, pelo menos duas alternativas, por objetivos educacionais ou por conteúdos.<sup>21</sup>

a. *Por conteúdos*: seguir um currículo e conteúdo emprestado ou imposto de fora; é o sistema atual adotado na maioria das igrejas no Brasil, em termos de educação religiosa.

É o caso, por exemplo, de cursos teológicos utilizados em muitas igrejas que se baseiam em livros prontos, exercícios prontos e provas prontas. Ao final de poucos meses é oferecido um “Diploma Avançado de Teologia”. Não obstante, sabe-se que em muitos lugares, o fato de existir a possibilidade de fazer esse modelo de curso já é um avanço. A questão é que esse modelo, via de regra, não leva em consideração a maioria das peculiaridades existentes nas regiões, além do fato (em especial em locais que possuem condições de pensarem e produzirem materiais próprios), o que percebe-

---

<sup>21</sup> REGA, p. 30.

se, em muitos círculos, é um “capitalismo selvagem” com vistas à venda de livros e não necessariamente no “compartilhar o conhecimento”.

b. *Por objetivos educacionais*: os objetivos indicam onde se quer chegar, que fins deve-se atingir. Nessa visão percebe-se algumas possibilidades:

(a) Objetivos gerais da educação cristã: são os objetivos obtidos no levantamento bíblico sobre os fins da educação cristã.

- i. compreensão doutrinal das Escrituras;
- ii. compreensão literária das Escrituras;
- iii. compreensão ética geral das Escrituras;
- iv. compreensão da experiência cristã à luz das Escrituras;
- v. treinamento operacional do cristão no desempenho do seu ministério

(b) Objetivos contextuais da educação cristã: são os objetivos obtidos no levantamento do ambiente da sua aplicação. Cada igreja local está inserida num ambiente e vive uma realidade cultural específica.

i. análise dos fenômenos sociais, culturais, econômicos e religiosos do contexto à luz dos princípios bíblicos. Isso envolve o *Zeitgeist* (espírito de época) e a sua influência no cotidiano (ex.: pragmatismo, existencialismo como forças filosóficas de nossa era; globalização, novas mídias, etc);

ii. busca de respostas aos dilemas contextuais da comunidade;

iii. interpretação ética do contexto e estabelecimento da conduta ética específica para o contexto;

iv. treinamento específico do cristão no desempenho do ministério contextual;

(c) A busca dos objetivos contextuais da educação é obtida através do levantamento descritivo do público-alvo para se estabelecer o seu perfil. A pergunta é: Quem é o membro da igreja? Quais as suas características? Quais são os seus dilemas? Quais são os seus objetivos pessoais? Esses objetivos contextuais podem (e devem) ser interpretados à luz dos gerais e servem para referenciar o processo educacional ao contexto. Enfim, associando-se esses dois objetivos, se obtém uma educação contextualizada que influenciará na estruturação de todo sistema educacional - currículo, conteúdo, didática, avaliação, etc.

(d) depois de feito o levantamento dos objetivos educacionais (gerais e contextuais) prepara-se uma classificação de objetivos educacionais que visará o planejamento da matriz curricular e do conteúdo, bem como da integração deste conteúdo entre as diversas classes e diversos setores educacionais da igreja, ou do seminário.

Advoga-se a ideia nesse texto que não se pode fazer educação, meramente, criando mais classes, abrindo mais seminários, arranjando temas diversos, novos livros para serem estudados, ou mesmo reescrevendo toda literatura que será utilizada na estrutura educacional da igreja, mudando o horário da EBD, fazendo uma campanha de frequência, concurso bíblico, etc. Segundo professor Rega<sup>22</sup> é necessário estabelecer qual a ideologia que funcionará como pressuposto para direcionar todo o projeto educacional. Essa ideologia norteará o caminho que se deve seguir, a elaboração da missão e da política de qualidade do Seminário, além de seus objetivos básicos a serem conquistados. Após isso será possível traçar um plano de metas e um cronograma a serem cumpridos.

Ao se adotar um modelo integral de educação para a formação teológica que, em vez de enfatizar apenas um aspecto do indivíduo, enfoca integralmente a formação de vidas maduras do ponto de vista intelectual, social, operacional ou pragmático, pessoal (ontológico) e afetivo, busca-se rever todo projeto educacional do Centro de Estudos (seminário), seja o estabelecimento dos objetivos educacionais, seja o planejamento da Matriz Curricular, do conteúdo programático, do conteúdo das aulas, enfim, a didática adotada pelo professor, a visão do aluno, etc.

A educação está intimamente ligada à política da cultura. O currículo nunca é apenas um conjunto neutro de conhecimentos, que de algum modo aparece nos textos e nas salas de aula de uma nação. Ele é sempre parte de uma tradição seletiva, resultado da seleção de alguém, da visão de algum grupo a respeito do que seja o conhecimento legítimo.<sup>23</sup> Da mesma forma que a educação, de forma geral, está intimamente ligada à política da cultura, os currículos existentes nos Centros de Estudos (seminários) está intimamente ligada a compreensão daquele grupo do que seja o conhecimento pertinente àquele tempo.

## **Considerações finais**

Com base na abordagem feita até aqui, propõem-se algumas reflexões, com vistas a desencadear um processo de educação teológica de qualidade. Busca-se implantar um modelo educacional a partir do CETAD-PB (modelo esse em construção), que possa gerar uma cultura de pesquisa na membresia. Esse projeto desenvolve-se a partir das seguintes reflexões:

1. Em busca de uma educação teológica proativa e preventiva – ou redescobrimo o valor da educação teológica para o Reino de Deus;

---

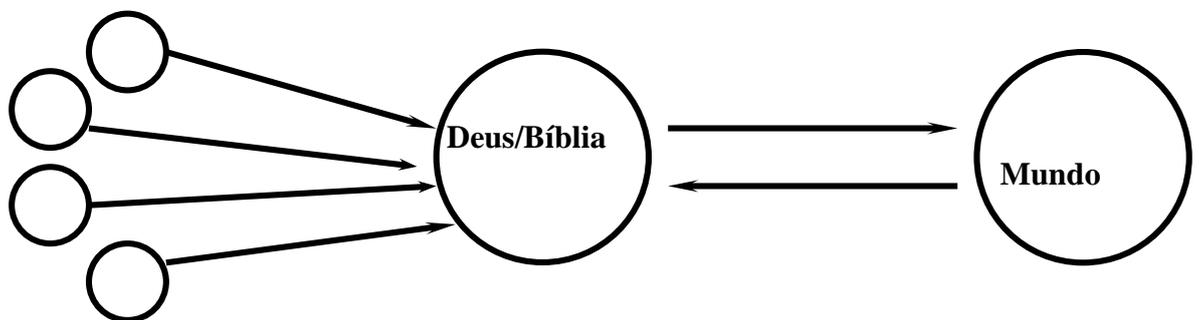
<sup>22</sup> REGA, 2016, p. 31.

<sup>23</sup> APPLE, Michael W. *Currículo, Cultura e Sociedade*, 1999, p. 59.

2. Por uma educação capacitadora dos dons de serviço – o cristão como agente do Reino de Deus na vivência, propagação e ensino da Palavra;
3. Levando a educação teológica para o povo ("leigos");

Alguns desafios práticos:

- (a) Como teólogos, o ponto de partida e pesquisa de base é a Bíblia, as demais matérias são instrumentais (sociologia, psicologia, filosofia) ou extensivas (teologia, ética). Prioriza-se diferentes tipos de formação do docente, convergindo para um só foco, e partindo daí para ver o mundo e por ele ser visto:



- a. Interdisciplinaridade convergente
- b. O ensino de valores
  - (a) Por uma educação orientada por valores e objetivos educacionais. Valor é tudo aquilo que é objeto de avaliação e é visto como significativo para alguém.<sup>24</sup>
  - (b) O currículo/conteúdo deve ser mais do que um cardápio atraente oferecido aos alunos dentro de uma política de “demanda de mercado”.
  - (c) O aluno como sujeito histórico em vez de consumidor da realidade. Ser que pensa, que vive, que sente, que ordena; que cuida de gente, de negócios relativos à causa.
  - (d) Fornecimento de critérios para leitura crítica da realidade e construção significativa de sua história pessoal, familiar, social e ministerial;
  - (e) **Kratologia**: ensinar o aluno a usar sadiamente o poder – trabalhar para Deus vs. trabalhar para a “obra de Deus”.
  - (f) Capacitar o aluno a construir o seu projeto de vida e ministério – educação integral.

<sup>24</sup> REGA, 2016, p.34.

- (g) Os conteúdos devem refletir os amplos aspectos da cultura, tanto do passado quanto do presente, assim como todas as possibilidades e necessidades futuras. O aluno está inserido numa sociedade que lhe faz exigências de toda ordem e lhe impõe obrigações e responsabilidades.<sup>25</sup>

Nesse caminho, o CETAD-PB reconhece que ainda há muita estrada a ser percorrida, no entanto, juntando-se as atividades regulares e históricas da Igreja na área de formação (EBD, EBOs, cultos de ensino) e com a publicação de livros, realização de simpósios, parcerias com IES e capacitação dos seus docentes, a cada dia consolida-se como a Associação Educacional da ADPB buscando caminhos para a formação de uma nova geração de líderes para o novo tempo.

---

<sup>25</sup>ENEGOLLA, Maximiliano & SANT'ANNA, Ilza Martins. *Por que planejar? Como planejar?: currículo, área, aula*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

## Referências

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado: Nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- APLLE, Michael W. in: *Currículo, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Cortez, 1999.
- Carl ROGERS. *Liberdade para aprender*. Belo Horizonte: Interlivros, 1973.
- DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- ENEGOLLA, Maximiliano & SANT'ANNA, Iza Martins. *Por que planejar? Como planejar?: currículo, área, aula*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FERNANDES, Rubeneide Oliveira Lima. *Movimento Pentecostal, Assembleia de Deus e o Estabelecimento da Educação Formal*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), 2007.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FRESTON, Paul. *Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*, São Paulo: UNICAMP, 1993.
- MOREIRA Marco Antonio, *Teorias de Aprendizagem*. Editora Pedagógica e Universitária (E.P.U.), São Paulo, Brasil. 1999.
- MOREIRA, Antonio Flávio & SILVA, Tomaz Tadeu da (orgs.). *Currículo, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Cortez, 1999.
- SANTOS, Lucíola Licino de C. P. *História das disciplinas escolares: perspectivas de análise*. in : *Teoria & Educação*, Porto Alegre, nº 2, 1990.
- REGA, Lourenco Stelio. Revendo os paradigmas para a formação teológica e ministerial. **Revista Teológica**, [S.l.], n. 4, jun. 2016. ISSN 1676-2509. Disponível em: <<http://www.teologica.net/revista/index.php/teologicaonline/article/view/113>>. Acesso em: 04 set. 2017.
- RESENDE, Lúcia Maria Gonçalves. *Relações de poder no cotidiano escolar*. Campinas: Papirus, 1995.
- Revista Ultimato*. Edição 331 Julho-Agosto 2011